



Contextus – Revista Contemporânea de
Economia e Gestão
ISSN: 1678-2089
revistacontextus@ufc.br
Universidade Federal do Ceará
Brasil

Pauleto Spanhol, Caroline; de Oliveira Lima Filho, Dario; Evangelista Mendonça Lima,
Maria de Fátima

TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE ALIMENTOS

Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão, vol. 8, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 31-40
Universidade Federal do Ceará
Santiago, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570765372004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE ALIMENTOS

Caroline Paulette Spanhol

Mestrado em Agronegócios pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Professor Assistente do Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Economia e Administração
carolspanhol@gmail.com

Dario de Oliveira Lima Filho

Doutorado em Administração de Empresas pela FGV e Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Economia e Administração.
dolima@nin.ufms.br

Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima

Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP e Professor Adjunto Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Economia e Administração.
fatimamlima10@uol.com.br

RESUMO

A escolha dos alimentos tem sido estudada por várias áreas do conhecimento, entre elas destacando-se o Marketing, a Economia, a Psicologia, a Nutrição, a Medicina, a Sociologia e a Antropologia. A área do Marketing e da Economia trata da escolha de produtos, utilizando modelos na maioria quantitativo-económéticos, ao contrário deste estudo, que utiliza a metodologia qualitativa, baseando-se na teoria da intergeracionalidade, por considerar a escolha, sobretudo a de alimentos, um fenômeno complexo. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez mães residentes na cidade de Campo Grande/MS. A técnica utilizada para o estudo dos dados é a análise de conteúdo. Os resultados apontam que, além das restrições estruturais, existe a presença do fenômeno da intergeracionalidade como fator importante na escolha de alimentos. Sendo assim, pode-se dizer que no processo de escolha de alimentos está presente a herança simbólica recebida, principalmente da mãe, influenciando as atuais escolhas dos indivíduos por alimentos.

Palavras-chave: Transmissão Intergeracional. Escolha. Alimentos. Comportamento do Consumidor. Marketing.

ABSTRACT

The food choice has been studied by various knowledge areas such as Marketing, Economics, Psychology, Nutrition, Medicine, Sociology and Anthropology. Although Marketing and Economics deal with the products choice using quantitative econometric models, this study uses a qualitative methodology. To this end, interviews were conducted with a group of ten women aged between 30 and 64 years who have at least one child, living in the city of Campo Grande, Brazil. Content analysis is used to interpret the results. The study indicates that apart from economic constraints, there is a presence of the intergenerational phenomenon as an important factor in food choice. 60% of respondents say the preference for some food, that is, to like it, is what determines its choice. Thus, one can say that in the process of food choice a symbolic received inheritance is found, especially from the mother, by influencing the actual choices of individuals for food.

Keywords: Intergenerational Transmission. Choice. Food. Consumer Behavior. Marketing.

INTRODUÇÃO

O comportamento do consumidor de alimentos tem sido objeto de estudo de importantes áreas do conhecimento, notadamente a do Marketing, da Nutrição, da Sociologia, da Antropologia e, também, da Psicologia. Isso se deve, em parte, à complexidade envolvida nas questões que norteiam a relação do indivíduo com o alimento.

Essa relação ultrapassa os limites biológicos e assume, também, uma função psicossocial. Sendo assim, este estudo se propõe a suplantar uma análise de cunho positivista, até então predominante nos estudos sobre o comportamento do consumidor, resguardadas suas contribuições. Sugere a inserção de uma análise dialética sobre esse fenômeno, buscando promover uma discussão entre as Ciências Sociais e a Administração.

A complexidade envolvida nessa relação se deve, em parte, à dimensão simbólica e não apenas funcional que a alimentação também assume. Diante disso, torna-se importante caracterizar o significado atribuído à alimentação, bem como entender os valores, as crenças e os mitos que permeiam a estreita relação do indivíduo com a comida.

A partir da interpretação desses elementos, torna-se possível refletir sobre a questão que norteia esta investigação: *Será que os pais e as mães transmitem alguns hábitos e práticas alimentares para seus filhos?* Esse questionamento surgiu a partir da leitura atenta dos registros encontrados na literatura sociológica e antropológica e que parecem influenciar as escolhas dos indivíduos por alimentos. Sendo assim, o objetivo principal deste estudo é identificar a transmissão intergeracional no contexto alimentar.

A expressão transmissão intergeracional é autoexplicativa: significa a transferência da herança material e simbólica entre as gerações (BLOCH e BUISSON, 1998). Esse conceito foi encontrado primeiramente nos trabalhos de Bloch e Buisson (1998), na França, e nos estudos de Lima (2004), no Brasil, que avaliaram a demanda das mães pela escolha do cuidado/da educação dos filhos.

Bloch e Buisson (1998) desenvolveram um modelo teórico que considera a influência de três fatores na escolha das mães por educação infantil (EI): a família, a economia, e mais especificamente o dinheiro e o Estado, através de suas políticas públicas. Para tanto, esse é o modelo teórico utilizado nesta pesquisa.

Este estudo encontra-se estruturado em cinco seções: a primeira seção é constituída desta introdução; a segunda, aborda a revisão de literatura; a terceira, descreve a metodologia empregada nesta investigação; a quarta, discute os resultados da pesquisa e, por último, na quinta seção, são apresentadas as considerações finais, as contribuições teóricas e sugestões para pesquisas futuras.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, discorre-se sobre: i) a evolução dos hábitos alimentares; ii) a relação entre a cultura e o alimento, e iii) a transmissão intergeracional e as características do modelo teórico de Bloch e Buisson (1998).

2.1 A Evolução dos Hábitos Alimentares

A evolução dos hábitos alimentares esteve ligada às vicissitudes da longa história da humanidade. No entanto, a evolução dos hábitos alimentares é muito mais lenta que a de outros hábitos correntes da vida cotidiana. É fato que as pessoas trocam mais facilmente de carro ou de sapatos do que de receitas culinárias ou de práticas alimentares.

Para Lambert e outros (2005), os hábitos alimentares são construídos e modificados no tempo devido aos fatores culturais, econômicos, sociais e individuais. Torgal (1999) acrescenta que a história do homem se confunde com a própria história da alimentação.

O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos alimentares têm referência na própria dinâmica social. Segundo Torgal (1999), alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional e comer é um ato social, pois constituem atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações (SANTOS, 2005). Nota-se que a função do alimento ultrapassa os limites nutricionais e encontra no social uma função também expressiva. Esse fato pode ser observado nos estudos de Santos (2005), Justos (2000), Warde (1997) e Cascudo (1983).

Ainda sobre a evolução dos hábitos alimentares encontrou-se o estudo de Alessi (2006), que trata, sob a perspectiva histórica, dos hábitos alimentares dos brasileiros. A autora se reporta ao período da colonização do Brasil para explicar a aplicação/uso de alguns ingredientes na dieta atual dos brasileiros. Outro fator ainda destacado pela referida autora foi a existência de uma grande diversidade racial e cultural no País, fato que contribui, também, para a diversidade na gastronomia do Brasil.

Uma mudança significativa dos hábitos alimentares ocorreu a partir da 'terceira' Revolução Industrial, verificada em meados do século XX, que transformou os modos de produzir, estocar e comercializar os bens e serviços, bem como a composição e o papel desempenhado pelos núcleos familiares na conformação das condutas alimentares. Essas modificações sugeriram a produção em larga escala, o beneficiamento de alimentos naturais, a agregação de aditivos, a introdução de múltiplas variações na palatabilidade dos alimentos (mudanças no sabor, na cor, na textura), a diversidade de fórmulas lácteas industrializadas e, mais recentemente, com advento da engenharia de alimentos, a oferta de alimentos congelados, semiprontos e desidratados (POULAIN, 2004; ALESSI, 2006).

Diante das transformações impostas pela urbanização e pela globalização, nota-se que a alimentação passou e continua passando por mudanças, como a introdução, no cardápio das famílias, de alimentos industrializados. Um novo estilo de vida impõe novas expectativas de consumo, que acabam orientando as escolhas de alimentos (SANTOS, 2005).

Nesse contexto, acrescenta-se ainda o aumento na demanda por alimentos funcionais e de alimentos *light* e *diet*, que intensificados pela preocupação com questões estéticas e dietéticas, acabam por orientar as escolhas alimentares dos

indivíduos. Sobre isso, Hall e Lima-Filho (2006) e, também, Sproesser e outros (2006), mostram a preocupação dos indivíduos com a aparência e a saúde, a beleza e a forma do corpo e suas influências na seleção dos alimentos.

2.1.1 A Cultura e o Alimento

No que tange à cultura, observa-se a presença de valores, crenças, tradições, formas simbólicas, ritos e mitos que identificam e distinguem os membros de um grupo, tal como a definição proposta por Thompson (1999, p. 176). Essa classificação foi definida pelo autor como simbólica, sendo essa a definição de cultura adotada nesta pesquisa:

[...] cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.

A alimentação reflete, também, o aspecto cultural de uma sociedade, envolta de significados, restrições e sabedoria. Brandão (1981, citado por Canesqui, 1988) assegura que a ideologia alimentar é entendida como parte do conhecimento social da população, compreendendo a representação das crenças e dos padrões sociais de uso e das restrições alimentares.

Nesse sentido, deve-se considerar a importância cultural e simbólica para o entendimento dos hábitos alimentares, bem como sua influência na transferência desses hábitos para as gerações futuras. A partir da interpretação dos elementos que integram o conceito de cultura é que se busca um maior entendimento sobre a transmissão intergeracional dos hábitos alimentares, utilizando-se, para isso, os trabalhos de Mintz (2001), Powdermaker (1997), Canesqui (1988) e DaMatta (1984).

2.1.2 A Transmissão Intergeracional

Entende-se como transmissão intergeracional a herança material e simbólica passada de geração a geração. Essa transmissão se dá por meio de construções simbólicas transmitidas dos antecedentes aos descendentes. O simbólico constrói a realidade, estabelecendo um sentido imediato do mundo (LIMA, 2004).

De acordo com Bloch e Buisson (1998), compreende-se como herança simbólica as representações ou atribuições de sentidos que se faz das diversas práticas (educativas, alimentares, conjugais, parentais, sociais e culturais) produzidas na configuração familiar e as significações que elas carregam. Pode-se dizer que a herança simbólica é carregada de valores e crenças.

Essa visão permite compreender, de um lado, que o ser humano produz a si mesmo por meio de suas interações, e, de outro lado, que, a partir dessas interações, é capaz de realizar trocas produzindo modificações, especificamente com relação ao conteúdo do processo de socialização e, consequentemente, na maneira de transmitir/ensinar às novas gerações. Nessa perspectiva, a configuração familiar não é algo estático, mas sim um ‘palco de negociações’, em que seus membros estão num constante movimento de reinterpretação de informações, conceitos, significados e sentidos (LIMA, 2004).

A questão intergeracional tem sido discutida notadamente na literatura da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Medicina. Os principais estudos que se destacam na literatura internacional sobre essa temática são: Glassman e Eisikovits (2006), Shapiro (2005), Putney e Bengston (2005), Perdigão, Vitorino e Cunha (2004), Chassin e outros (1998), e Hardy e outros (1998).

No Brasil, destacam-se as pesquisas realizadas por Lima-Assis (2006), Vitali (2004), Lima (2004), Benincá e Gomes (1998), Ruschel e Castro (1998), Vitale (1997) e Dias da Silva (1986).

As pesquisas revisadas têm em comum o fato de apontar a família como o cerne da discussão sobre a transmissão intergeracional. A família é a primeira instância de socialização do indivíduo, uma vez que é a responsável por inscrever o indivíduo num vir a ser, sendo a alimentação a sua primeira aprendizagem social.

A literatura revisada não discute a transmissão intergeracional no contexto alimentar. No entanto, os estudos de Poulain (2004) e Poulain e Proença (2003a; 2003b) evidenciam que alguns hábitos alimentares dos pais são preservados por seus filhos, como a preparação de uma refeição.

Poulain (2004) salienta que a cozinha assume um forte significado simbólico e que as mulheres, que mantêm no cotidiano a maior parte dessa atividade, associam-lhe mais valores positivos e menos valores negativos. Entretanto, pesquisa realizada pela OCHA (1996, citada por POULAIN, 2004) mostra que há uma rejeição ao modelo culinário da mãe. Segundo a pesquisa, essa atitude era mais forte entre as mulheres jovens (65%) que diziam ‘não’ ao modelo culinário da mãe.

Poulain (2004) explica que essa rejeição se dá pelo fato de o modelo culinário da mãe entrar em conflito com a representação da mulher moderna, impulsionada pelo movimento feminista. Entretanto, o autor observa que entre as mulheres de 50 a 60 anos a referência do modelo culinário da mãe é revalorizada.

Os estudos recentes de Canesqui (2007) objetivaram investigar a qualidade dos alimentos na dietética popular, e mostram que os diversos grupos sociais, submersos nas próprias tradições e em diferentes matrizes culturais, possuem conhecimentos dietéticos acumulados que foram transmitidos pelas gerações anteriores ou pelos agentes de saúde, sobretudo, agentes de cura tradicionais, conhecidos, também, como curandeiros. Para Canesqui, esses conhecimentos sobre o valor da dieta expressam-se por meio da linguagem. Ainda, segundo a autora, são complexos e numerosos os condicionantes que interferem na alimentação, combinando uma multiplicidade de fatores e a interdependência do homem biológico e do homem social.

O trabalho de Canesqui (2007) não trata, especificamente, da questão intergeracional dos hábitos alimentares, mas sinaliza para a sua existência e importância na manutenção da dietética popular. A autora chama a atenção para a complexidade dos fatores que interferem na dinâmica social e, consequentemente, na dinâmica alimentar.

No que tange à transmissão intergeracional, foi localizado um artigo, de autoria de Bloch e Buisson (1998), e uma

tese de doutorado, de autoria de Lima (2004), que abordam a questão intergeracional no contexto da escolha dos pais pela modalidade de cuidado e educação infantil (EI). O primeiro trabalho relata uma pesquisa realizada na França, nos anos 1990, e o trabalho de Lima (2004) refere-se a uma pesquisa realizada no Brasil, na década de 2000. Em ambos os trabalhos emerge a questão da transmissão intergeracional no que se refere à escolha do cuidado e educação para os filhos e filhas pequenos(as).

O modelo teórico da intergeracionalidade parte do conceito de dádiva proposto por Mauss (1974, citado por Lima, 2004), que o concebe como um ato simbólico pelo qual o doador exprime sua afeição e se conforma às normas relacionais. Segundo Lima (2004, p. 63):

[...] a dádiva compreende o ato por excelência pelo qual o ser humano conquista sua subjetividade. Segundo sua interpretação e, também, para Bloch e Buisson (1998), receber uma dádiva é se encontrar em uma relação de obrigação para com a outra pessoa, que, por sua vez, sente-se reconhecido, desejando, assim, ocupar a posição de doador, numa tentativa de dar mais do que recebeu.

O modelo teórico de Bloch e Buisson (1998) incorpora a dinâmica da dívida e da dívida, ou seja, a criança depositária da herança e da transformação que seus pais almejam realizar se encontra no cerne dessa dinâmica. Essa disponibilidade, invariavelmente atribuída às mulheres, é objeto de uma reinterpretação que responde às concepções sociohistóricas construídas da criança e do ideal normativo de 'boa mãe', ideal que está em constante transformação ao longo das mudanças sociohistóricas e, também, de acordo com a maneira pela qual um reinterpreta sua história familiar e social (LIMA, 2004).

A existência tanto da dívida quanto da dívida, sobre tudo no que tange ao papel da mulher e, por extensão, do feminino, parece influenciar as relações sociais, tanto no que se refere ao cuidado/à educação dos filhos quanto aos cuidados domésticos e de alimentação.

Bloch e Buisson (1998) consideram que interferem na transmissão intergeracional a **configuração familiar, a economia**, mais especificamente o dinheiro, e o **Estado**, por meio de políticas sociais públicas. Esses três componentes aparecem em constante tensão. As dinâmicas desses três componentes se diferenciam, sobretudo pelo lugar que ocupam o sujeito (a criança, os pais e os profissionais) e o objeto (o cuidado e a educação da criança). A partir disso, esses fatores interferem no psiquismo tanto da mãe quanto no do pai, que se encontram em total recomposição. A Figura 1 ilustra os componentes que interferem na transmissão intergeracional bem como os fatores pesquisados em cada um dos elementos.

A **família** é a primeira instituição de socialização do indivíduo. Nesse sentido, de acordo com a norma social transmitida entre as gerações, a criança, no centro da família, recebe toda a disponibilidade dos cuidados oferecidos pela 'boa mãe', isto é, aquela que se dedica inteiramente aos filhos e ao lar. A dinâmica da dívida e da dívida apresenta a característica de tornar inseparável mãe e criança, cuidado e educação, e serviços domésticos.



Figura 1: Componentes que interferem na transmissão intergeracional

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Bloch e Buisson (1998).

As características contidas nessa atividade singular de trabalho doméstico e de cuidado para com as crianças – gratuidade, polivaléncia, serviços, como, por exemplo, cozinhar, limpar a casa e fazer compras – são exatamente os traços atribuídos à dívida e à condição feminina (LIMA, 2004).

A gerência e o controle da alimentação como atribuições femininas são apontados em outros estudos. Canesqui (1988, p. 213) escreve:

[...] o trabalho feminino no preparo da alimentação regese por regras: de economia e controle, morais, estéticas e de higiene, permeando o próprio trabalho doméstico referido à cozinha, ao uso dos equipamentos domésticos, aos cuidados com os alimentos, à casa e à alimentação da família. Comporta ainda aquele trabalho o dispêndio de tempo, uma organização específica de capacitação e treinamento.

No tocante ao aspecto **econômico**, as pessoas atribuem ao dinheiro um sentido de independência, de autonomia, capaz de provocar alterações na transmissão intergeracional, sobretudo nos hábitos alimentares de uma família.

Sobre isso, nota-se nos estudos de Lima (2004) que a relação monetária está presente não somente nas relações entre os pais e os cuidados ou a educação dos filhos, mas, também, nas relações entre os pais e os cuidados com a casa e com a alimentação. Observa-se que, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a globalização, o menor tempo destinado às atividades domésticas, as longas distâncias entre o local de trabalho e as residências proporcionaram modificações na estrutura alimentar dos indivíduos.

A partir disso, o fator econômico (preço dos bens e renda dos indivíduos) assume importância relevante, também, na escolha do alimento e/ou na modalidade de alimentação. A decisão de preparar o próprio alimento, fazer as refeições fora de casa, realizá-las na casa dos pais ou, ainda, delegar essa tarefa a outra pessoa, depende, entre outras questões, da interpretação que os pais fazem do que receberam ou não de seus pais.

Ressalta-se que o **Estado** tem o papel de assegurar a igualdade entre os cidadãos, exercendo, também, o papel de

apoio à ruptura ou manutenção da ‘herança’ simbólica intergeracional (LIMA, 2004). Pode-se pensar aqui no Brasil sobre as políticas públicas de salário mínimo, que poderiam facilitar ou dificultar a contratação de uma empregada doméstica para o preparo dos alimentos.

Em uma outra vertente, Spers (2003) coloca o Estado como o provedor de mecanismos de defesa à saúde dos indivíduos por meio dos alimentos. Em pauta está a segurança do alimento, quesito sobre o qual, segundo o autor, o Estado deve garantir não somente o direito de propriedade, mas também a segurança no consumo de produtos alimentícios por meio de eficientes mecanismos formais de controle. A presença de mecanismos formais de fiscalização e/ou regulação assume grande vulto quando existe a probabilidade de risco e prejuízo à saúde pelo consumo de alimentos adulterados e/ou contaminados.

Ainda no tocante ao papel do Estado, menciona-se sua atuação por meio dos programas promovidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social e de Combate à fome (MDS). Entre os programas financiados pelo MDS destacam-se os de segurança alimentar e nutricional, tais como: Consórcio Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (CONSAD), Distribuição de alimentos, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Agricultura Urbana, Cozinhas Comunitárias, Banco de Alimentos, Educação Alimentar e Nutricional, Cisternas, e Restaurante Popular.

Em suma, nota-se que os três elementos presentes no modelo teórico de Bloch e Buisson (1998) – configuração familiar, dinheiro e Estado – estão associados com a reinterpretação, realizada pelos pais e, principalmente, pela mãe, de sua herança simbólica, o que permite situar uma continuidade ou ruptura com seus ascendentes e, ao mesmo tempo, contribuir para uma mudança das práticas sociais (LIMA, 2004).

3 METODOLOGIA

Este estudo utiliza-se de metodologia qualitativa. De acordo com Bunchaft e Gondim (2004), na abordagem qualitativa o enfoque está na compreensão de um contexto particular, respaldado na busca de significado, na subjetividade e na intersubjetividade. Como diz Demo (1994), é ir além do quantitativo, de modo hermenêutico, é saborear as entrelinhas, porque muitas vezes o que nelas está é precisamente o que não se queria dizer.

Esta pesquisa encontra-se dividida em dois momentos. O primeiro momento refere-se ao levantamento bibliográfico, que, segundo Cooper e Schindler (2003), visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa. Dessa maneira, foram realizadas consultas a trabalhos teóricos e empíricos prévios. O segundo momento baseia-se na coleta dos dados primários por meio de entrevista semiestruturada.

Os sujeitos da pesquisa são representados por mulheres que tenham constituído uma família, ou seja, que tenham pelo menos um filho ou uma filha. Assim, foram entrevistadas dez mulheres, residentes na cidade de Campo Grande/MS, com idades entre 30 e 65 anos de idade, selecionadas por conveniência.

O número de mães selecionadas baseou-se nos estudos de Griffin e Hauser (1993) e também nos de Fraser e Gondim (2004). O primeiro estudo discute algumas abordagens metodológicas de pesquisa e apresenta uma comparação entre duas técnicas de coletas de dados: a entrevista face a face e a de grupo focal (envolvendo cerca de 12 indivíduos). Os resultados do estudo apontam que a primeira técnica é tão eficiente quanto à segunda, no entanto envolve menos pessoas, tempo e custos. O segundo estudo trata das implicações da pesquisa qualitativa na ciência e, no que se refere à representatividade amostral, afirma que o critério mais importante para a escolha dos indivíduos não é numérico, uma vez que a finalidade não é apenas quantificar opiniões, mas explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto particular. Diante disso, justificam-se a quantidade de mães entrevistadas e o uso de entrevistas individuais (face a face) nesta pesquisa.

O sentido das mães sobre a escolha de alimentos foi coletado por meio de entrevistas semiestruturadas, em que se utilizou um roteiro. Para tanto, inicialmente, foi realizado um pré-teste com uma mãe no mês de julho de 2007. O pré-teste teve a finalidade de testar o roteiro de entrevista, no sentido de torná-lo mais adequado ao objetivo da pesquisa. Realizado o pré-teste, observou-se que mudanças precisariam ser realizadas. Com o instrumento de coleta modificado, realizou-se um novo pré-teste no mês de setembro de 2007. A coleta efetiva dos dados se deu no mês de novembro de 2007. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente 30 minutos.

As entrevistas foram realizadas nas residências para 50% das entrevistadas e as demais foram realizadas no local de trabalho, de acordo com a conveniência apresentada pela participante.

A transcrição das entrevistas foi elaborada com a brevidade possível após a sua realização, na tentativa de lembrar o dito e o não dito. Algumas anotações, referentes aos dados pessoais das entrevistadas, foram feitas no início das entrevistas, e as demais, após o seu término. O relato foi gravado, após a aquiescência da entrevistada.

O estudo dos depoimentos das entrevistadas seguiu várias etapas, com base na análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Cada entrevista foi lida e relida várias vezes para possibilitar uma análise em profundidade, com o levantamento dos temas mais frequentes e daqueles pouco enfatizados, sua sequência e seu encadeamento, as pausas e hesitações e, inclusive, o não dito, como: expressões faciais, gestos, risos, entre outras expressões.

Esse levantamento indicou os núcleos de sentido, ou seja, a essência dos depoimentos, sem perder de vista o contexto mais amplo da inserção da entrevista, como o da situação em que ela ocorreu. Não se desprezou a regra da frequência, por considerá-la pertinente na caracterização da ênfase e da avaliação dos temas, mas sem um caráter predominante, por não se tratar de uma análise quantitativa.

Obtiveram-se, assim, os temas e os tratamentos a eles dados pelas entrevistadas, que, por estarem inseridos no con-

texto cotidiano observado, possibilitaram a compreensão do sentido a eles atribuído bem como as suas contradições, levando à sua interpretação e ao seu posicionamento acerca da escolha de alimentos.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O perfil socioeconômico das entrevistas pode ser visualizado na Tabela 1. As questões feitas às mães baseiam-se, especificamente em: i) desvendar as motivações que elas apresentam no momento de adquirir/escolher um alimento; ii) perceber o significado atribuído ao alimento; iii) observar os fatores que determinam a escolha dos alimentos, e iv) notar as informações observadas na compra. A Tabela 2 ilustra as categorias que emergiram dos depoimentos das entrevistadas bem como suas frequências percentuais.

No que tange às motivações vivenciadas na escolha dos alimentos, emergiram três categorias: preferência, saúde e lembranças da infância. Nota-se que a categoria 'preferência', que inclui vontade e gosto pelo alimento, está entre as mais mencionadas pelas participantes da pesquisa. Sendo assim, a 'preferência' por um alimento em detrimento de outro é o que motiva 30% da escolha das entrevistadas. Essa 'preferência' não aparece como um gosto ou uma vontade individual somente da mãe, mas, também, dos filhos e do marido.

Na categoria 'saúde' estão incluídos os depoimentos que mencionaram a existência de vitaminas nos alimentos, os benefícios proporcionados pela saúde, a prevenção de doenças e a preocupação com uma alimentação mais saudável. Nos discursos das entrevistadas estão presentes a preocupação com a saúde e a consciência de que a saúde é parte do que se come.

Tabela 1: Descrição socioeconômica das participantes da pesquisa

Nome	Idade	Renda	Número de residentes	Escolaridade	Profissão	Jornada de trabalho	Estado Civil
Norma	40	400	5	Fundamental Incomp.	Zeladora	8 horas	Solteira
Ana	55	2.800	4	Superior Completo	Empresária	8 horas	Casada
Cléo	51	2.500	2	Médio Completo	Comerciante	4 horas	Casada
Ediana	31	400	2	Médio Completo	Zeladora	8 horas	Solteira
Márcia	64	4.000	2	Superior Completo c/ pós-graduação	Professora Aposentada		Casada
Maria	30	1.100	8	Médio Incomp.	Zeladora	8 horas	Casada
Mariana	42	3.000	5	Fundamental Incomp.	Do Lar	-	Casada
Nenice	63	4.200	4	Médio Completo	Do Lar	-	Casada
Nice	44	1.900	5	Fundamental Incomp.	Artífice de Copas e Cozinha	6 horas	Casada
Seleida	35	1.000	3	Médio Incomp.	Serviços Gerais	8 horas	Casada

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

Há uma busca pelo natural, pelo que é da terra, pelo que não é industrializado. Por mais que as mães, em alguns momentos, se baseiem nas receitas de suas mães, elas as modificam, utilizando hoje um substituto menos calórico, menos gorduroso, visando o benefício para a saúde e, em alguns casos, para o corpo.

Tabela 2: Categorias extraídas dos depoimentos e sua frequência relativa

1 - Motivos para a escolha dos alimentos	Frequência (%)	3 - Fatores determinantes na escolha	Frequência (%)
Preferência	30	Preferência	60
Saúde	50	Saúde	20
Lembranças da infância	20	Preço	20
Total	100	Total	100
2 - Significado do alimento	Frequência (%)	4 - Informações sobre o produto	Frequência (%)
Natural (sem agrotóxico)	20	Verifica todas as informações do rótulo	20
Ficar forte	10	Prazo de validade	60
Fonte de vida	20	Outros	20
Satisfação	10		
Saúde	20		
Equilíbrio	20		
Total	100	Total	100

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa.

O estudo de Novaes (2006), por exemplo, mostra que a preocupação com a saúde e a forma do corpo vem aumentando o consumo por hortaliças e diminuindo o consumo de carne bovina no Brasil.

Atualmente, vivencia-se um momento em que cada vez mais se observa o aumento do consumo de alimentos natu-

rais, entendidos aqui como alimentos não industrializados, *light* e *diet*, e alimentos funcionais, aqueles com funções terapêuticas. Então, observa-se que vem sendo criado um novo estilo de vida, que impõe novas expectativas de consumo, que acabam orientando as escolhas por alimentos (SANTOS, 2005).

Na categoria 'lembança da infância' estão inseridas as respostas que mencionam as receitas que as mães faziam e as suas maneiras de cozinhar. Segundo duas entrevistadas, a lembrança da mãe é o que norteia suas escolhas por alimentos.

Mintz (2001) escreve que os hábitos alimentares são veículos de emoção: em outras palavras, a autora afirma que as atitudes dos indivíduos em relação à comida são aprendidas cedo e são, em geral, inculcadas por adultos, sobretudo os pais, conferindo ao comportamento alimentar um poder sentimental duradouro. Esse fato pode ser ilustrado a partir do discurso de Nice: "Pelo que a minha mãe fazia né? Sempre quando eu vejo jiló eu lembro que eu comia sempre junto da minha mãe... que ela fazia, preparava" (NICE, ARTÍFICE).

Assim, a 'lembança de infância' refere-se à lembrança da família, da comida que a mãe fazia. É uma maneira e um momento de 'matar as saudades'. Dados empíricos, não analisados, de uma pesquisa realizada pelo Departamento de Economia e Administração (DEA) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na cidade de Belo Horizonte/MG, com dois grupos de discussão, mostra a preocupação com a perpetuação das tradições, notadamente pelos participantes gaúchos, moradores da capital mineira.

Essa é uma forma de transmissão da herança simbólica recebida dos antecedentes. Para Bloch e Buisson (1998), o vínculo social familiar é o responsável pela transmissão da herança material e simbólica, passada de geração a geração.

A partir das categorias extraídas dos depoimentos das participantes, nota-se que a família aparece como categoria que aproxima, ao mesmo que engloba, as preferências, a saúde e as lembranças da infância: "Ah! Isso daí vem da mamãe né? Que a mamãe nos ensinou e é uma coisa que passa de geração para geração (ANA, EMPRESÁRIA).

Sobre isso, destaca-se ainda que algumas mães baseiam-se, por sua vez, nos modelos culinários de suas mães, mas propõem alterações, fato que acaba por modificar a herança simbólico-alimentar recebida, como se nota no discurso de Mariana.

A receita da mãe eu faço, só que eu não faço sopa salgada, que é com carne moída com legume, então, em vez de você colocar o macarrão, você colocava o fubá, entendeu? Mamãe falava que era para ficar forte, essas coisas. Não, eu só faço o mingau doce. O mingau de fubá e coloco açúcar e canela (MARIANA, DO LAR).

Poulain (2004) salienta que a cozinha assume um forte significado simbólico, e que as mulheres, que mantêm no cotidiano a maior parte dessa atividade, associam-lhe mais valores positivos e menos valores negativos. Entretanto, pesquisa realizada pela OCHA (1996, apud POULAIN, 2004) mostra que há uma rejeição ao modelo culinário da mãe. Segundo a pesquisa, essa atitude é mais forte entre as mulheres jovens (65%) que diziam 'não' ao modelo culinário da mãe.

Poulain (2004) explica que essa rejeição se dá pelo fato de o modelo culinário da mãe entrar em conflito com a representação da mulher moderna, impulsionada pelo movimento feminista. Entretanto, o autor observa que entre as mulheres de 50 a 60 anos, a referência do modelo culinário da mãe é revalorizada. Sobre isso, explica que,

[...] esta inversão deve ser compreendida num contexto de industrialização da experiência alimentar e do desenvolvimento correlativo do sentimento de ameaça do 'bem comer à moda francesa' (POULAIN, 2004, p. 55).

Nota-se que a família e, principalmente, a mãe, aparece como um fator de grande importância no momento de escolher ou preparar um alimento. A família é a base social de qualquer ser humano (LIMA, 2004) e é ao mesmo tempo o domínio da intimidade e do molde de construção da subjetividade (NOVELINO, 1989).

Sobre o significado de alimento, quatro categorias emergiram dos discursos como as mais frequentes: 'alimento caseiro', 'fonte de vida', 'saúde' e 'comer com equilíbrio'.

Na categoria 'alimento caseiro' estão incluídos os depoimentos que apontam para a preocupação com a segurança do alimento. Em meio a escândalos divulgados pela mídia de massa, como a adulteração do leite de vaca, os focos de febre aftosa, o excesso de hormônio em frangos, a gripe suína e os agrotóxicos nos vegetais, as entrevistadas mostraram preocupação com essas questões.

Assim, para duas das participantes, a concepção de alimento refere-se a algo caseiro, ou seja, aquele alimento produzido de forma artesanal, natural, pois se acredita que eles não causam doenças. Esse fato pode ser visto no depoimento de Seleida, que revela medo e desconfiança sobre alguns tipos de alimentos: "O frango é mais saudável, esses que a gente compra caseiro, da chácara, caseiro, não aqueles criados na granja [...]" (SELEIDA, SERVIÇOS GERAIS).

A categoria 'fonte de vida' engloba as respostas que apontam o alimento como sendo a prioridade na vida, em outras palavras, a primeira de todas as necessidades, devendo, portanto, ser priorizado.

Para duas entrevistadas, o alimento é entendido como sinônimo de uma boa saúde (dando origem à categoria 'saúde'). Já a categoria 'comer com equilíbrio' engloba as questões relacionadas à boa estética e ao sentimento de culpa ou frustração ao se alimentar, isto é, deve-se comer de forma equilibrada, sem excessos.

As categorias 'fonte de vida', 'alimento caseiro', 'comer com equilíbrio' e 'saúde' aparecem como concepções que indicam a importância que se dá à saúde, ao corpo e à jovialidade, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

Diante disso, observa-se que as convenções da sociedade é que decretam o que é alimento e o que não é, que tipo de alimento deve ser consumido e em quais ocasiões (LEACH, 1974, apud WOODWARD, 2000). Ou seja, as práticas de consumo, demonstradas pelas entrevistadas não abordam apenas os alimentos, mas o tipo de alimento a ser consumido, as regras de etiqueta, o autocontrole, que regulará o que será

consumido, quando, como e o quê, personalizando, de certa forma, o apetite.

Como se vê, o ato alimentar não é restrito apenas a aspectos nutricionais. O alimento, também, é um complexo sistema de valores e crenças, em que interagem os fatores políticos, econômicos, culturais e psicológicos (POULAIN, 2004; WARDE, 1997).

Foi perguntado, também, sobre a importância do preço na escolha da mãe por alimentos. Os resultados obtidos apontam que não somente o preço e a renda do consumidor influenciam na escolha de um produto, mas, sobretudo, suas preferências.

Os resultados apresentam as preferências dos consumidores por um determinado alimento como a categoria mais frequente. A categoria 'preferência (gosto)' engloba as respostas que mencionaram a vontade e a satisfação em comer. Para 60% das entrevistadas, o preço não é impedimento para a aquisição de um alimento, o que importa mesmo é estar com vontade, é gostar. Para 20% das entrevistadas, a saúde (os benefícios) é determinante para a compra de um alimento, e, para o restante, o preço é fator principal na decisão de compra.

Outro fator que parece influenciar na escolha de alimentos é a sua regulamentação/autorização pelo poder público. Oito entrevistadas disseram estar atentas tanto aos selos de qualidade quanto aos prazos de validade. Desses oito mães, apenas duas informaram que verificam o selo de inspeção sanitária para produtos de origem animal. Diante disso, nota-se que a ênfase é dada aos prazos de validade. Assim, para a maioria das entrevistadas, a data de validade é a informação mais relevante no momento da compra dos alimentos. Acrescenta-se que a atuação do poder público sobre a alimentação é vista, sobretudo, nas ações de fiscalização e no registro dos produtos alimentícios comercializados. Nenhum comentário foi feito pelas entrevistadas sobre as políticas públicas para a alimentação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi captar os sentidos que as mães dão à escolha dos alimentos. Somente examinando as influências presentes sobre o comportamento de educação e cuidado alimentar da família, antes mesmo de a escolha das mães se efetivar, é o que permitirá um mais completo entendimento sobre a escolha de alimentos.

O estudo mostra alguns motivos que influenciam as mães a escolher os alimentos, tais como: a preferência/o gosto/a vontade, a saúde, a lembrança da infância e, em menor instância, o preço.

Os resultados mostram que mesmo os sujeitos e as perguntas sendo diferentes, as categorias 'preferência' e 'saúde' aparecem juntas como as mais incidentes em duas questões, ou seja, há uma certa constância nos resultados, o que reforça o aspecto subjetivo e social da escolha, constituída coletivamente pelas inter-relações pessoais ao longo da história do sujeito. As demais categorias aparecem como produto das especificidades de cada pergunta.

Portanto, pode-se dizer, de uma forma geral, que a escolha de alimentos pelas mães pesquisadas sofrem influência de três dimensões: da família, do preço e das políticas públicas. Diante dessa constatação, observa-se a ocorrência de modificações nos hábitos alimentares das famílias. Essas modificações podem ser produto das mudanças no contexto histórico-social; da economia; das mudanças de paradigmas; de avanços na medicina e na tecnologia; da nutrição, e da própria reinterpretação que o indivíduo faz das práticas recebidas. É nesse contexto que a fartura, a gordura e o açúcar, muito valorizados pelos familiares na alimentação, cedem lugar a uma alimentação mais balanceada.

Como se vê, a transmissão intergeracional dos hábitos alimentares não é estática e tampouco linear. A perpetuação ou replicação da herança simbólico-alimentar recebida dos ascendentes está associada ao contexto sociohistórico em que o indivíduo está inserido e à reinterpretação que esse mesmo indivíduo faz das práticas herdadas. Em outras palavras, o indivíduo tanto pode escolher como manter a herança simbólica recebida. O que se vê é que essa herança simbólico-alimentar tem sofrido alterações no tempo. Para os participantes dos grupos de discussão, a justificativa mais comum para a modificação na alimentação é a de que, com o avanço da idade, começam as preocupações e o desejo de uma velhice mais saudável, e também porque o próprio organismo passa a repelir os 'excessos da juventude'. Acrescenta-se que a vaidade, ou seja, a preocupação com um corpo magro, a qualidade de vida, o acesso à informação e o gostar são outros argumentos que podem explicar essas mudanças.

Em suma, os resultados da pesquisa empírica revelam ainda que a família constitui um importante fator de influência nas escolhas do consumidor e é ela, de acordo com Bloch e Buisson (1998), a responsável pela transmissão da herança material e simbólica passada de geração a geração, sendo que o amálgama desse vínculo é a dinâmica da dívida e da dívida que nela se instalaram. No tocante ao preço, esse fator apresentou-se como relevante para uma pequena parte da amostra. Em geral, o que importa mais é a vontade, é o querer aquele alimento. O Estado é visto como um importante vetor para a garantia da segurança do alimento.

Os depoimentos das mães entrevistadas revelam grande preocupação com a saúde, sobretudo no que tange à escolha dos alimentos; ao consumo de alimentos caseiros, plantados em casa; à predominância do gostar, da vontade e da preferência; ao preço, relegado a um plano secundário. Essas afirmações feitas pelas mães parecem configurar uma limitação deste estudo, uma vez que as depoentes podem ter feito afirmações que não condizem, necessariamente, com sua prática cotidiana alimentar. Assim, é possível que algumas mães possam ter optado por fazer afirmações que a sociedade julga como correta, isto é, afirmações socialmente aceitáveis, ou ainda ter mencionado o que pensam a respeito dos tópicos abordados, o que pode ter contribuído para uma análise apenas parcial do conteúdo das mensagens, vez que há diferenças entre o pensar e o agir.

Sendo assim, como recomendação para estudos futuros, sugere-se que outras pesquisas, tanto quantitativas como qualitativas, que reúnam mais de uma geração de indivíduos sejam realizadas, para dar continuidade à investigação que se inicia sobre a transmissão intergeracional no contexto alimentar.

6 REFERÊNCIAS

- ALESSI, N. P. Conduta alimentar e sociedade. Simpósio Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia nervosas. *Medicina*, Ribeirão Preto, v. 39, n. 3, p. 327-332, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENINCÁ, C. R. S.; GOMES, W. B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 3, n.002, p. 177-205, 1998.
- BLOCH, F; BUISSON, M. *La garde des enfants - une histoire de femmes: entre don, équité et rémunération*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- BUNCHAFT, A. F; GONDIN, S. M. G. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. *Rev. Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 63-77, 2004.
- CANESQUI, A. M. Antropologia e Alimentação. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 207- 216, 1988.
- CANESQUI, A. M. A qualidade dos alimentos: análise de algumas categorias da dietética popular. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 203-216, 2007.
- CASCUDO, C. L. Da. *História da alimentação no Brasil*, 2 ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983.
- CHASSIN, L; PRESSON, C. C; ROSE, J. S; SHERMAN, S. J. Maternal socialization of adolescent smoking – the intergeneration transmission of parenting and smoking. *Developmental Psychology*, [S.I], v. 34, n. 6, p. 1189-1201, 1998.
- COOPER, D.R; SCHINDLER, P.S. *Métodos de pesquisa em administração*. 7. ed., Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DIAS DA SILVA, M. H. G. *A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: a busca do 'melhor'*? Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, [S.I], v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.
- GLASSMAN, I; EISIKOVITS, R. A. Intergenerational transmission of motherhood patterns: three generations of immigrant mothers of Moroccan descent in Israel. *J Comp. Fam. Stud.*, [S.I], v. 37, n. 3, 2006.
- GRIFFIN, A; HAUSER, J. R. The voice of the customer. *Marketing Science*, [S.I], v. 12, n. 1, 1993.
- HALL, R. J.; LIMA-FILHO, D. O. Perfil do consumidor de produtos diet e light no Brasil. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO (SIMPEP), 12, 2006, Bauru, Anais.... Bauru: UNESP, 2006, p. 1-12.
- HARDY, J. B.; ASTONE, N. M.; GUNN, J. B. Like mother, like child – intergenerational patterns of age at first birth and associations with childhood and adolescent characteristics and adult outcomes in the second generation. *Developmental Psychology*, [S.I], v. 34, n. 6, p. 1220-1232, 1998.
- JUSTUS, D. *Alimentação e nutrição no Brasil - 500 anos de história*, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/nutricao/ixjanais.doc>>. Acesso em: 23 set. 2006.
- LAMBERT, J. L.; BATALHA, M. B.; SPROESSER, R. L.; SILVA, A. L. DA; LUCCHESE, T. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. *Revista de Nutrição*. Campinas, v. 18, n. 5, p. 577-59, 2005.
- LIMA, M. F. E. M. *A demanda e escolha das mães por educação infantil: um novo tema para o estudo da educação infantil*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LIMA-ASSIS, W. R. C. *O caminho intergeracional dos sentimentos: estudos dos padrões afetivos transmitidos pela família*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MATTAR, F. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 1999.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DE COMBATE À FOME. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/>>. Acesso em: 25.05.2009.
- MINTZ, W. S. Comida e Antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.
- NOVAES, A. L. *Comportamento do consumidor de carne e hortaliças no Brasil: o perfil dos consumidores*. Dissertação de Mestrado em Agronegócios, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.
- NOVELINO, A. M. *A cartilha da mãe perfeita: um discurso normalizador na psicologia de mídia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.
- PERDIGÃO, F.; VITORINO, P.; CUNHA, S. *O papel educativo dos avós*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2004. Disponível em: <<http://maracuja.homeip.net/doc/soc/pdf/avos.pdf>>. Acesso em: 10.05. 2007.
- POULAIN, J. P.; PROENÇA, R. P. C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, 2003a.
- POULAIN, J. P.; PROENÇA, R. P. C. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 16, n. 4, p. 365-386, 2003b.
- POULAIN J. P. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. UFSC, Florianópolis, 2004.
- POWDERMAKER, H. An anthropological approach to the problems of obesity. In: COUNIHAN, C.; ESTERIK, P. V. (Org). *Food and Culture*. New York: Routledge, 1997.
- PUTNEY, N, M.; BENGTSON, V. L. Family relations in changing times: a longitudinal study of five cohorts of women. *International Journal of Sociology and Social Policy*, [S.I], v. 25, n. 3, p. 92-119, 2005.
- RUSCHEL, A. E; CASTRO, O. P. De. O vínculo intergeracional – o velho, o jovem e o poder. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998.
- SANTOS, C. R. A. Dos. Alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa, 2005. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/4643/3797>>. Acesso em 29.10.2006.
- SHAPIRO, A. Revisiting the 'generation gap': correlates of adult child-older parent discrepancies in their reports of intergenerational solidarity. *International Journal of Aging and Human Development*, [S.I], p. 1-25, 2005.

SPERS, E. E. *Mecanismos de regulação da qualidade e segurança dos alimentos.* Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SPROESSER, R. L.; NOVAES, A. L.; LIMA-FILHO, D. O; BATALHA, M. O; LAMBERT, J. L. Perfil do consumidor brasileiro de carne bovina e de hortaliças. In: CONGRESSO DA SOBER, 44, 2006, Fortaleza. *Anais...Fortaleza:* Unifor, 2006, CD ROM.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna:* teoria social na era dos meios de comunicação de massa, 3 ed, Petrópolis: Vozes, 1999.

TORGAL, G. J. S. Dos R. Subsídios para a história da alimentação. *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II, Guimarães, p. 661-667, 1999.

VITALI, I. L. *Como nossos pais?* A transmissão intergeracional dos estilos parentais. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

VITALE, M. A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate.* São Paulo: Cortez, 1997.

WARDE, A. *Consumption, food and taste.* London: Sage, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. Da (Org.) *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes 2000.

Data de Submissão: 16/10/2009

Data de Aprovação: 13/12/2010